

Ser professor de português ou ser professor de línguas?

Lúcia Vidal Soares

Escola Superior de Educação de Lisboa

(lucias@eselx.ipl.pt)

Portugal, tendo sido sempre um espaço plurilingue, seguiu sistematicamente políticas linguísticas que implicaram uma impiedosa *glotofagia* linguística e cultural face ao Outro.

Devido a um colonialismo ainda recente, grande parte das minorias que marcam linguística e culturalmente a sociedade portuguesa é de origem africana, trazendo na bagagem novas línguas maternas, algumas de tradição oral, não oficiais e com pouco prestígio internacional. Importa, contudo, não perder de vista as novas minorias, provenientes, sobretudo, da Europa de Leste, da Índia e do Paquistão que hoje se estão a constituir no seio da nossa sociedade.

Tem sido esta invisibilidade linguística das minorias que, segundo Dulce Pereira (1998), explica o facto de o sistema de ensino português permanecer monolingue, ainda que esporádicas experiências de ensino precoce de línguas, sobretudo inglês e francês, tenham sido realizadas.

É dentro deste contexto que apresentarei de forma muito abreviada e simplificada, dois tipos de abordagem relativas ao ensino da Língua Portuguesa. A primeira abordagem remeterá para uma situação de Língua Estrangeira (PLE) e uma segunda para a gestão da diversidade linguística e cultural. Em qualquer delas colocar-se-á a questão: não será o professor de português um professor de línguas? Não seremos, em primeiro lugar, professores de línguas e, depois, professores de português?

O professor de português depara-se, na sala de aula, com várias situações das quais destacarei as seguintes:

- A de aula de Língua Estrangeira (L.E.) - quando os seus alunos desconhecem a língua do país de acolhimento. Sem que estes tenham obtido um certo grau de proficiência linguística, é difícil integrá-los no grupo turma.
- Um outro quadro, quando os seus alunos possuem diferentes graus de proficiência linguística e têm origens culturais diferentes. Neste caso,

cabe ao professor procurar desenvolver os diferentes níveis linguísticos em presença, promovendo simultaneamente o gosto pelas línguas e pelas culturas que confluem no espaço sala de aula. Falo, então, da gestão da diversidade linguística e cultural.

Vejam, a título ilustrativo, algumas actividades que podemos desenvolver nestas duas situações.

1. Português Língua Estrangeira.

Público – 2º ano de escolaridade

Objectivos de L.P.:

- identificar os utensílios que se utilizam a uma refeição, reconhecendo a sua funcionalidade: toalha, copo, faca, colher, garfo, prato, guardanapo...
- saber localizar: à direita, à esquerda, em frente, no meio, em cima
- referir sensações: ter fome, ter sede..

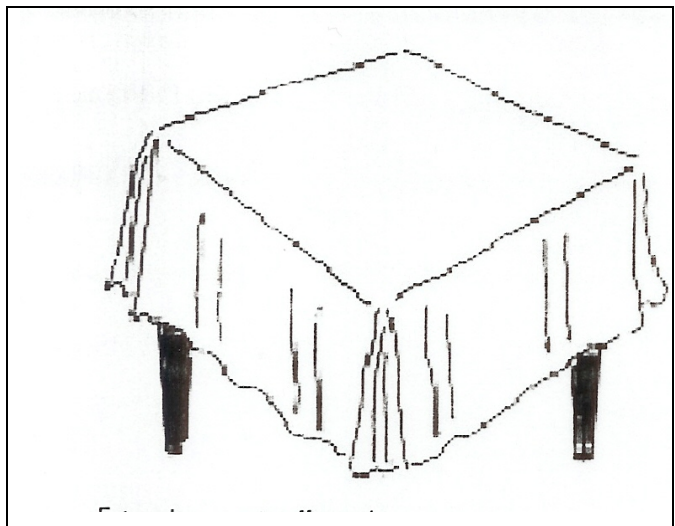
Esta temática poderá articular-se com aspectos relativos à Alimentação que faz parte do programa de Estudo do Meio, ou com outros aspectos relativos à Matemática.

Vamos pôr a mesa?

Apresentação imagem a imagem.

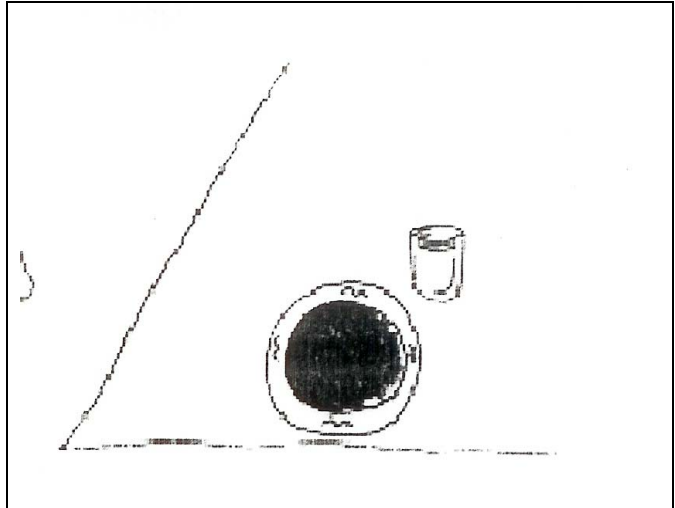
“ Isto é uma mesa. Em cima da mesa ponho uma toalha.” (imagem 1)

- O que é isto?
- É uma...”toalha”- dirá ou completará o aluno.



“Depois ponho um prato. Em frente do prato, ponho um copo.”

Brevíssimo controlo da compreensão de modo a fazer o aluno repetir, integrado em frases: prato, copo, em frente de,...



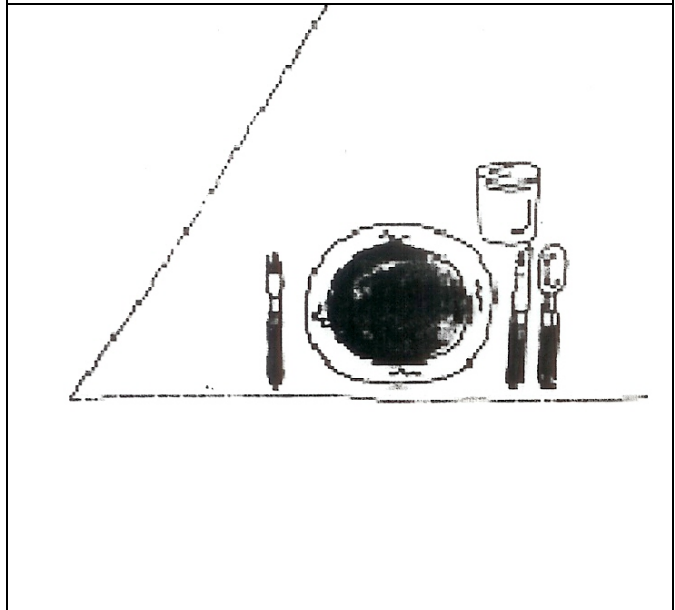
“À direita ponho a faca e a colher.

À esquerda ponho o garfo.”

“A faca, a colher e o garfo são os talheres”

A explicação de direita e esquerda pode ser feita com os braços ou com as mãos.

Cria-se de novo uma situação que permita ao aluno repetir: prato, à direita, à esquerda, a faca, a colher, o garfo...

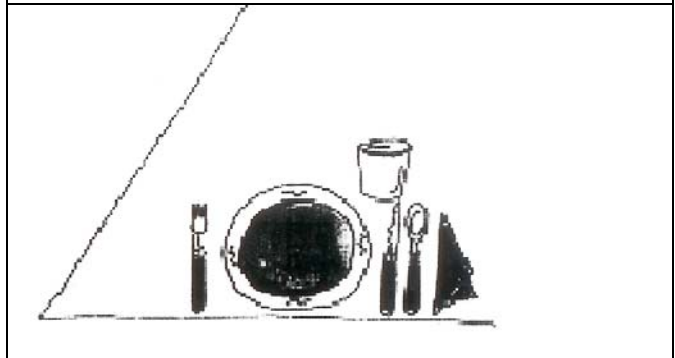


“Finalmente, ponho o guardanapo.”

(apontando para o objecto)

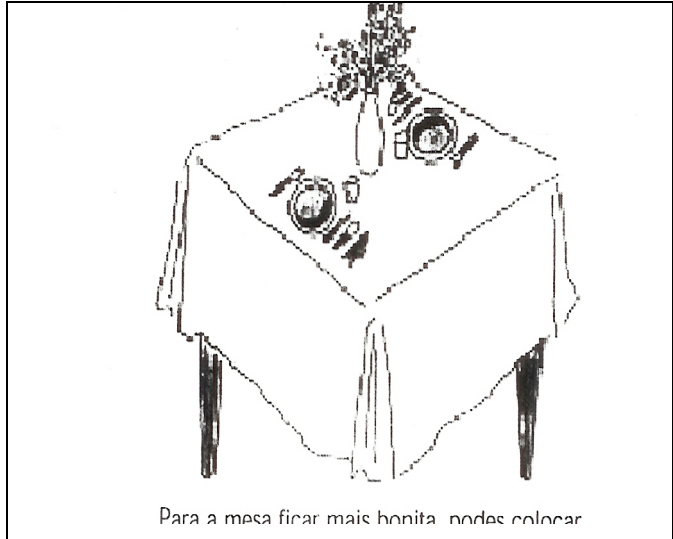
- O guardanapo está à esquerda ou à direita? – perguntará o professor para que o aluno responda:

- O guardanapo está à direita.



“-Ah! Para a mesa ficar bonita,
ponho uma jarra com flores!”

E “conduz-se” o aluno a repetir
“ponho/é uma jarra com flores”



(imagens: *Voa com as palavras*, DEB/NEPE, 2002)

Apresentaremos de novo todo o texto. Colocaremos questões de modo a que o aluno o reconstitua. Esta reconstituição do texto deverá atingir um certo nível de autonomia, pelo que o nosso apoio se manifestará em conformidade com esse objectivo. O professor deverá corrigir pronúncias incorrectas e fazer repetir palavras, grupos de palavras ou frases completas. O nosso intuito é, por um lado, proporcionar uma melhor articulação dos sons da língua e, por outro, o de permitir uma memorização do texto. Pretende-se trabalhar a Oralidade, nos seus diferentes aspectos de forma sistemática e aprofundada. Só com uma Oralidade suficientemente desenvolvida, é possível trabalhar quer a leitura, quer a escrita.

No final, o aluno poderá desenhar uma mesa com uma toalha. E, de acordo, com as instruções orais do professor, irá desenhando os diferentes objectos, localizando-os.

Este texto, tal como foi apresentado, permite ainda trabalhar sob o ponto de vista da ortografia o dígrafo *lh* (colher, talher, toalha...). Sugere-se que, no final, o aluno legende os objectos que desenhou.

A escolha do conteúdo do texto deve obedecer a uma progressão estabelecida pelo professor, em função do público. Estas mesmas imagens permitirão criar um texto com um nível mais avançado que o aluno poderá vir a ler. (Ver texto original, anexo 1)

2. Gestão da Diversidade Linguística e Cultural

Público: 2º ciclo. Uma turma onde haja alunos angolanos, preferencialmente, falantes de umbundo ou com ligação a esta língua banto.

Objectivo:

- Fomentar uma atitude de abertura para as línguas.
- Levar à descoberta da pluralidade linguística e cultural.
- Aprender a respeitar a diversidade linguística, sobretudo de colegas que integram a sua turma e sobre os quais recaem, muitas vezes, representações negativas.
- Aprender a viver num mundo intercultural e a respeitar o Outro.
- Fazer reverter a reflexão e as aprendizagens sobre a diversidade linguística em prol da Língua Portuguesa.

I - Apresentação de uma fábula angolana

*O *caninguíli e o gafanhoto*

Era uma vez um pássaro chamado *cachindjondjo*, pequenino e colorido, que tinha um ninho com filhinhos.

Este lindo pássaro, que se alimenta de sucos das flores, e, por isso, também lhe chamam beija-flor, um belo dia viu o seu pequenino ninho ocupado por um grande gafanhoto, que, na língua dos bailundos, é conhecido pelo nome de *loluhuma*.

O gafanhoto de grandes asas abertas e encarnadas, ocupava todo o ninho. Por isso, o *cachindjondjo*, o pequeno beija-flor, não podia dar de comer aos seus filhinhos.

Ao ver o ninho tapado pelas asas do *loluhuma*, o *cachindjondjo* ficou aterrado e começou a cantar, tristemente, assim:

Ame cachindjondjo

Nda lila lila,

Nda lila lila...

Um iñila címuè.

O que, em tradução livre, será:

Eu *cachindjondjo*

Chorei, chorei...chorei,

chorei...chorei muito,

Porque uma coisa estranha

Entrou na minha casa (ou seja, no meu ninho)

O *caninguíli*, ao ouvir chorar o *cachindjondjo*, foi imediatamente junto dele e disse-lhe:

- Não tenhas medo. Não te aflijas, que eu vou fazer sair do teu ninho o estranho que nele se instalou abusivamente.

Dito isto, começou a voar cantando: *tié... tié...tié...* sempre a voar e a cantar foi até às nuvens. Depois, num voo picado, “mais rápido que o de uma águia quando apanha um pinto”, deixou - se cair como uma bala direito ao ninho. Esta queda, em voo picado, produziu um tal ruído e tão sibilante, que o *loluhuma*, ao ouvi-lo julgou ser uma coisa perigosíssima que caía do céu, deu um salto e fugiu do ninho.

Então, o *cachindjondjo* pôde dar de comer aos seus queridos filhinhos.

Texto recolhido pelo Prof. Santos Júnior da Universidade do Porto
(*O Mistério de um sol e oito janelas*, Lidel, Lisboa, 2005)

Depois uma leitura silenciosa feita pelos alunos e realizado o controle da compreensão, será explicado o léxico desconhecido com particular incidência em aspectos culturais e linguísticos. Vejamos a este propósito o Glossário que aparece na obra acima referida:

* Glossário:

abusivamente, adv., de forma abusiva, usando de um poder que não tem
afligir, v.tr., causar aflição, atormentar
aterrado, adj., muito assustado, com medo
bailundo, s.m., povo banto da região do Bailundo, que habita o planalto de Benguela, província do Huambo, em Angola; falam umbundo.

caninguíli, pequeno pássaro, que na região do Mungo, distrito do Huambo, é conhecido pelo nome de caninguíri, no dialecto local e, no dialecto dos bailundos, chamam-lhe caninguíli. Faz o ninho no capim, preso em algumas hastes de caniço. É um ninho pequeno, mas muito bem construído, onde não entra a chuva. Segundo alguns povos angolanos é o pássaro mais pequeno daquelas regiões. O caninguíli tem a possibilidade de, além do canto, produzir um barulho de tal maneira forte e sibilante que é assustador.

Afirma-se que o caninguíli auxilia animais que se encontram em perigo ou em situações embaraçosas. Por exemplo, quando uma águia se aproxima da aldeia onde as galinhas andam à solta, ou duma bandada de perdizes, o

caninguíli canta o seu *tié... tié... tié*, de tal modo e com tal intonação que galinhas e perdizes se acoitam, antes de a águia chegar a uma distância tão curta que as aves em mira já não tenham tempo de se defender. Outro papel que lhe é atribuído, é o de prever o tempo: se vier chuva, o caninguíli cantará de certo modo; se for dia de bom tempo, sem chuva, canta de maneira diferente.

O comportamento deste pássaro faz com que seja querido das populações. Por isso, é por elas protegido. Ninguém se atreve a matá-lo, a tirar-lhe os ovos ou a estragar-lhe o ninho.

estranho, adj., que é fora do normal, desconhecido

gafanhoto, s.m., insecto



instalar, v.tr., acomodar, ir morar

loluhuma, nome pelo qual os bailundos conhecem o gafanhoto

perigoso, adj., em que há perigo, arriscado

ruído, s.m., barulho, estrondo

sibilante, adj., que produz um som agudo

voo picado, s.m., forma de voar muito rápida, no sentido do chão

(*O Mistério de um Sol e oito janelas*, 2005)

Neste caso, iremos apresentar apenas algumas actividades que ilustrem de que modo a gestão da diversidade linguística e cultural pode ser contemplada.

1. Os bailundos, povo angolano, falam umbundo. Descobre a tradução portuguesa para as palavras abaixo assinaladas, fazendo a ligação certa.
2. Desenha a bandeira do teu país
3. No caso de no teu país se usarem outras palavras diferentes das apresentadas em umbundo e em português, escreve-as por baixo da tua bandeira e na linha correspondente.

Exemplo de registo:



(*O mistério de um Sol e oito janelas*, Lidel, Lisboa, 2005)

4. A este propósito pode ir-se construindo um Dicionário com as línguas ou com as variedades linguísticas presentes na sala de aula.

Deste modo, “ não é só a criança que vem de outro país, de outra língua e de outra cultura que desenvolve a sua competência plurilingue, mas o mesmo acontece com a criança lusófona que aprende aspectos da língua-cultura do outro ou dos outros alunos que estão na turma” (Ferrão,2007:28). Elas também “aprendem a ouvir e produzir sons, a comparar sons, palavras, a associar dados da língua e da cultura. As crianças interessam-se, assim, pelos colegas e pelas línguas que carregam uma dimensão exótica” (idem, 2007: 29). Importa referir que J.C. Beacco e M. Byram consideram que *le plurilinguisme couvre l’ensemble du répertoire linguistique d’un individu y compris sa « langue maternelle »*¹ (2003: 9)

Convém também salientar que, embora o ensino comunicativo da língua implique a produção e a recepção de mensagens, comunicar não é apenas um meio através do qual se realizam estas trocas, mas é, também, um meio de interagir com o Outro. Uma metodologia construída em torno da relação Língua/Civilização retém o princípio de uma ligação unívoca e indissociável entre a língua e a cultura ensinadas e também sobre uma coerência intracultural

¹“ O plurilinguismo compreende o conjunto do reportório linguístico de um individuo, incluindo a própria língua materna “- Tradução nossa

A própria União Europeia, em 1998, através das Recomendações do Conselho de Ministros aos estados membros, no que respeita ao ensino das línguas, aconselha-os a : promover o plurilinguismo em larga escala (...) encorajando os europeus a atingir um certo nível de competência comunicativa em várias línguas. Ao recomendar o ensino precoce de línguas no 1º ciclo, pretendia-se exactamente promover o plurilinguismo, sendo que todos os alunos deveriam ser sensibilizados para a diversidade linguística e cultural da Europa. Isto mesmo vem expresso no Currículo Nacional - competências essenciais, ao ser abordado o ensino de línguas no 1º ciclo.

Daí que, mesmo correndo o risco de estar *a remar contra a maré*, considero que a formação do professor de português deve ser mais abrangente, fazendo dele um professor de línguas, tendo em conta que:

- o tem de estar integrado numa política linguística e cultural que salvaguarde o lugar da língua que ensina, mas que preveja, igualmente, o desenvolvimento das línguas em presença. Tem de se lhe propor (na medida em que, a aceitação desta perspectiva depende do interesse e das ideologias pessoais) aberturas interculturais (educar para a diferença, privilegiando a identidade cultural da criança; promover a auto realização do sujeito; a sua aculturação e socialização e o reconhecimento do relativismo linguístico-cultural, objectivos gerais de uma Educação Linguística, segundo Freddi; promover contactos interculturais; reforçar a ligação da Escola à comunidade, fomentar a herança cultural do aluno, através da manutenção de laços com a língua, tradições e costumes de origem,...) - é a esta nova dimensão que me atrevera a chamar: política ou geopolítica educativa, uma vez que nela está implícita o espelhar de visões e relações políticas (proximidade/ afastamento; amizade/ inimizade, etc...), cooperação, desenvolvimento, etc...

- o actualmente, não se é professor de português apenas em Portugal, mas esta actividade poderá ser desenvolvida em vários pontos do globo e o público a que se dirige também não é homogéneo nem linguística nem culturalmente. A própria aula de português, já hoje, poucas vezes, é monolíngue. Daí a necessidade de saber gerir a diversidade, de construir ou/e adaptar materiais adequados aos alunos e de perceber que, fora do seu país, ele é o seu representante..

Concluindo, os professores de português têm de ser formados em diferentes contextos e para diferentes contextos. Para tanto, *nada melhor que a aprendizagem, o conhecimento e o uso das línguas e a prática da reflexão sobre a linguagem, orientados por uma filosofia explícita e militante de educação linguística. Uma educação que promova não só o saber gramatical, mas também a interação, a descoberta dos pressupostos e das multividências implícitas e a negociação dos sentidos e das regras de uso*, como afirmou Dulce Pereira, em Setúbal, no Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística (Setembro de 2004)

E se, o candidato a professor de português ou o professor de português tem de:

1. Conhecer e dominar a língua.
2. Estimular as competências comunicativas
3. Praticar metodologias activas e diversificadas
4. Regular o processo de ensino e aprendizagem
5. Gerir a(s) diversidade(s) e a(s) diferença(s)
6. Envolver-se em dinâmicas de grupo
7. Promover a mudança.

tal como é identificado no relatório do Projecto *O Ensino e a Aprendizagem do Português na Transição do Milénio*

Tem igualmente de:

- ✓ adquirir hábitos de pesquisa e de reflexão sobre as línguas, para que os possa reproduzir junto dos seus alunos.
- ✓ Perceber que o conhecimento do funcionamento da língua do aluno facilita o processo de ensino/aprendizagem na medida em que permite:
 - conhecer as causas de muitos erros de carácter fonológico, ortográfico e morfo-sintáctico;
 - adequar a reflexão sobre o funcionamento da Língua Não Materna às características já interiorizadas em L. M.
 - desenvolver através da análise contrastiva, mais ou menos aprofundada, atitudes de tolerância perante a diversidade,

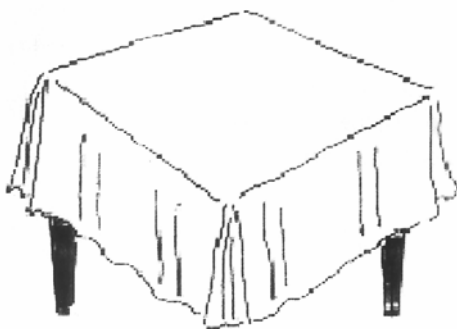
mas tem ainda que:

- ✓ ter desenvolvido uma competência plurilingue e pluricultural, tal como são designadas no Quadro Europeu Comum de Referência para poder responder não só à *variedade existente no seu próprio país mas também*

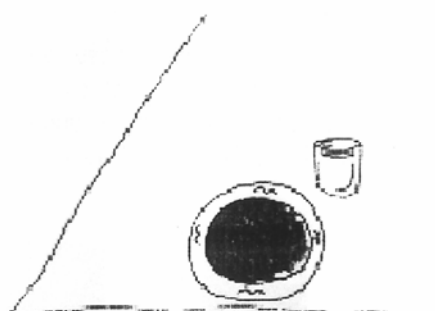
como meio para estabelecer pontes entre a sua língua e cultura e a língua e cultura do Outro. Isto implica que o professor tem um papel inegável na defesa de uma cidadania intercultural que promove a compreensão da Alteridade e permite, simultaneamente, a participação activa na sociedade, como referiu Luísa Solla, no painel que coordenou em Setúbal, no Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística (2004).

Ser professor de português ou ser professor de línguas?

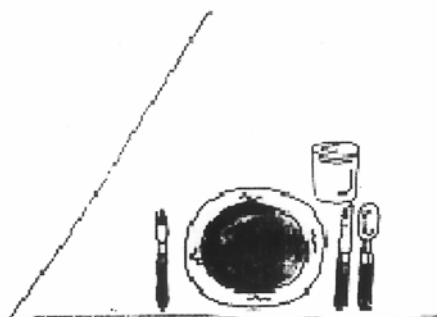
Vamos pôr a mesa?



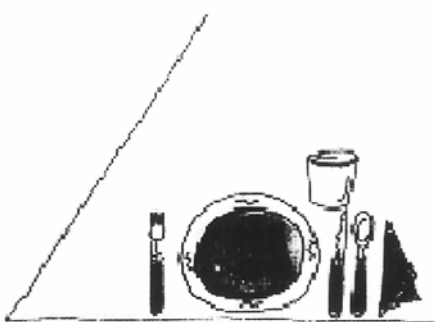
Estende-se a **toalha** sobre a mesa.



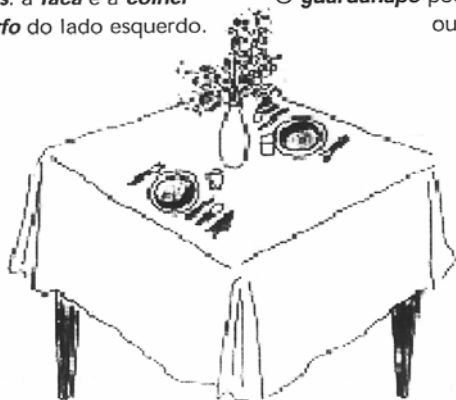
Põe-se um **prato** e um **copo** para cada pessoa. O copo fica à frente do prato, do lado direito.



Colocam-se **os talheres**: a **faca** e a **colher** do lado direito e o **garfo** do lado esquerdo.



O **guardanapo** pode ficar do lado esquerdo ou do lado direito do prato.



Para a mesa ficar mais bonita, podes colocar **flores** no centro da mesa.

Bibliografia:

APP (2001) *O Ensino e a Aprendizagem do Português na Transição do Milénio*, coord. de Aldina Silveira Lobo; APP e Colibri, Lisboa.

Beacco, J.C. et Byram, M. (2003) *Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe, de la diversité linguistique à l'éducation plurilingue*, Conseil de l'Europe, Strasbourg.

Branco, L. e Soares, L. (2005) *O mistério de um Sol e oito janelas*, Lidel, Lisboa

DEB/NEPE (2002) *Voa com as Palavras*, Lidel, Lisboa

Ferrão, Clara (2007) *Didáctica do português, Língua Materna e Língua Não Materna, no Ensino Básico*, Coleção Nova CIDInE, nº2, Porto editora, Porto.

Freddi, Giovanni , (1994), *Glottodidattica – Fondamenti, metodi e tecniche*, Collana di Glottodidattica, UTET libreria, Torino.

Pereira, Dulce (1998) *Linguística e educação: as minorias in Linguística e Educação*, editores Associação Portuguesa de Linguística e Edições Colibri, Lisboa.